

## RESENHA

## UJEITO, ESTE SUPOSTO, NASCIDO NA MODERNIDADE

ELIA, Luciano da Fonseca. **O Conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p. 50. Psicanálise passo-a-passo.

A leitura do texto de Luciano da F. Elia aponta para o conceito de sujeito como uma categoria moderna, e seu surgimento é contemporâneo à ciência.

Luciano da Fonseca Elia é pós-doutor pela PUC-Rio e professor titular do Instituto de Psicologia da UERJ, defendendo em sua dissertação de mestre *O inconsciente filosófico da psicanálise*. Elia tem outras obras escritas como “*Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*” (Rio de Janeiro, Uapê, 1995). É também co-organizador do livro *Psicanálise, clínica e pesquisa*, do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do IP/UERJ, além de autor de inúmeros artigos na área de psicanálise. Esse livro foi escrito por solicitação da publicação *Psicanálise Passo-a-Passo* de Jorge Zahar Editor, com a proposta de permitir ao leitor trilhar diferentes campos do saber de maneira gradual numa linguagem acessível, onde Elia se destaca como um especialista capaz de oferecer uma visão atualizada e abrangente do conceito de sujeito na psicanálise.

Para Elia, sua obra não se inscreve sob a rubrica de um “sujeito ao alcance de todos”; ou “tudo o que você sempre quis saber sobre o sujeito” mas tinha medo de perguntar. O saber sobre o sujeito não está ao alcance de todos, e não estará ao alcance de ninguém que não queira se dar ao trabalho psicanalítico. Elia busca definir os critérios metodológicos para os modos de produção do saber na psicanálise e seus intercâmbios com outros saberes.

Elia pergunta: o sujeito é ou não um conceito? Que tipo de existente o termo sujeito designa? O que é isto que se chama sujeito? O

sujeito é algo que existe por aí, é ele encontrável na realidade empírica? É uma positividade, um referente factual do conceito que leva seu nome? As respostas são negativas. Olhando pelo angulo existencial, ele está lá, é o outro com todas as suas implicações, imbricações, circunstancias, mazelas e conflitos.

Como interrogá-lo? O acesso a esse saber exige um trabalho (o trabalho analítico), que se realiza através de um determinado método (método da psicanálise), que estabelece um dispositivo (o analítico) e requer uma função operante (o psicanalista). Com isto afasta-se a possibilidade do uso da via da intelectualidade para elaboração deste saber. Elia propõe que o saber sobre o sujeito não está ao alcance de todos, e não estará ao alcance de ninguém que não queira se dar ao trabalho psicanalítico.

Sendo a psicanálise a função operante, Elia pergunta: o sujeito em psicanálise é um conceito, no sentido científico ou filosófico do termo? Como categoria nocional elaborada teoricamente, designada por uma palavra que lhe dá unicidade, precisão e rigor, é um conceito: é isso que faz com essa categoria integre o corpus teórico da psicanálise, constituindo-se de forma essencial. Elia lança mão do que é necessário, dos campos científico e filosófico para poder responder à questão, colocada pela e para a psicanálise.

O sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise são os mesmos; porém a ciência não opera com este sujeito, mas a psicanálise criou condições de operar com ele. Ela é a o que Elia chama de subversão. O modelo médico (ciência) não tem dado conta da pessoa, com deficiência,

por exemplo. É o sujeito da ciência, e a ciência não opera e não criou condições de operar com este sujeito. A pedagogia criaria condições de operar com este sujeito? Elia entende que mesmo na ciência ou na filosofia “sujeito” não é um conceito, nas acepções clássicas de conceito.

Como localizar o sujeito? Como ele se faria presente? A experiência psicanalítica tem, assim, boas razões para estruturar seu dispositivo em certa modalidade da fala, metodologicamente sustentado para que essa fala se constitua como acesso ao sujeito. Este é assim estruturado (e não caótico ou biológico) como uma linguagem, ou seja, por elementos materiais simbólicos, os significantes engendradores do sentido, que portam em si o sentido constituído, mas que se definem como constituintes do sentido (daí o seu nome significante: aqueles que fazem significar).

Para Elia é possível dizer que onde há resistência há sujeito. Foi na experiência psicanalítica que veio a tona a resistência do sujeito: se na origem do sintoma está o ato de defesa, no início do trabalho está a tomada da resistência em consideração. A resistência a resistência do sujeito não exatamente para ser rejeitada ou contraposta em uma atitude, digamos, hostil, crítica ou adversa, mas de acolhida como ocasião de trabalho. Assim, Elia afirma que “onde há resistência há sujeito”.

Como se constitui o sujeito? A compreensão então é que o sujeito se constitui, não “nasce” e se “desenvolve”. Então cabe a pergunta: como o sujeito se constitui? É necessário considerar o campo da linguagem, campo que ele é afeito.

Segundo Elia é Ferdinand de Saussure quem propõe um campo de referência que a um só tempo relaciona duas condições metodológicas: é o da linguagem, sobretudo a partir de sua tomada como recorte de uma ciência moderna, a lingüística. Temos então a categoria de *significante* - imagem material acústica, à qual se associa um conceito (idéia),

como *significado*, na constituição do signo lingüístico. Elia entende que a subversão dessa associação significante/significado, conferindo primazia ao primeiro (o significante) na produção do segundo e que tratando desta maneira tais conceitos, o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário, e se produz somente a partir da articulação entre os significantes. Assim encontra-se o suporte metodológico necessário para uma teoria do inconsciente: dos dois elementos constitutivos deste campo de referência, só o significante é *material* (imagem sonora, unidade material da fala humana) e *simbólico* (sua articulação em cadeia produz uma ordem capaz de engendrar o significado, que não se encontra constituído desde o começo, antes da articulação significante). É o inconsciente freudiano senão um sistema de elementos materiais articulados como cadeias (Freud chega a falar de feixes) desprovidos, em si mesmos, de significação, estas passíveis de serem produzidas pelo sujeito uma vez constituído? (p. 38).

Apliquemos agora essas condições estruturais ao processo de constituição do sujeito, para o que temos de recorrer à situação concreta através da qual o ser humano chega ao mundo e se insere na ordem humana que o espera, que não apenas precede sua chegada como também terá criado as condições de possibilidade de sua inserção nesta ordem. Entendemos que nesta ordem humana na qual a pessoa chega tem a possibilidade da deficiência física entre outras. É por esse viés que a teoria psicanalítica do sujeito e de sua constituição se articula interna e necessariamente com as categorias - estas sociológicas - de sociedade e de família: o ser humano entra em uma ordem que é social, e cuja unidade celular e básica, que se organiza como a porta de entrada nesta ordem, se chama *família*, pelo menos nas sociedades modernas.

A outras portas de entrada nesta ordem se abrem posteriores à família que são a rua e a escola e se tornam também elementos na constituição do sujeito, também da pessoa

com necessidades educacionais especiais, ele também é um sujeito e como tal não lhe pode ser negado o que o faz sujeito.

A psicanálise pensa o sujeito, portanto, em sua raiz mesma, como *social*, como tendo sua constituição articulada ao plano social. Resta saber como ela o faz, e ela o faz de modo positivo, ou seja, de modo a manter a positividade de sua concepção de *sujeito do inconsciente*, sem o quê deixaria de ser psicanálise e se diluiria em meio à polifonia da orquestra das concepções culturalistas de uma construção social do sujeito, que o destitui precisamente de sua positividade como sujeito do inconsciente. Dizer, portanto, como é preciso, que a psicanálise não apenas considera a dimensão social da constituição do sujeito – como muitas vezes é acusada de fazer (e não sem que os próprios psicanalistas, que em larga medida desconhecem muitas das dimensões essenciais de seu campo mereçam tal acusação) – mas também, pelo contrário, afirma a dimensão social como essencial à constituição do sujeito do inconsciente, não equivale a reduzi-la a uma sociologia culturalista do sujeito.

Já não é possível vivermos no interior desta complexa edificação chamada cultura, fazendo de conta que ela não existe. Sua forte realidade tem a ver com nossa forma de instalação e de permanência no mundo. A cultura é a possibilidade de plenificação de um ser que, apesar de já nascer potencialmente humano, precisa desenvolver sua humanidade que é uma rede cada vez maior de interdependência, e a desenvolve na construção da linguagem e da própria cultura. O tecido cultural é sempre uma permanência de efemeridades, é sempre uma continuidade feita de rupturas e transformações, pelo qual o homem se plenifica, ou se constitui como sujeito.

Confronto com algo enigmático: o sujeito é nome de algo cujo modo de existir é a elisão, a barra, a abolição, operações pelas quais o sujeito se constitui e se realiza na experiência, pois o *tal* sujeito do qual falamos é uma *coisa* muito estranha, que tanto mais existe e se

realiza quanto mais ele é excluído, abolido, barrado. Porém, o que o exclui, elide e barra é precisamente o significante, que o funda e constitui.

E as perguntas? Continuam com respostas negativas? Elia relaciona algumas respostas. Não, o sujeito não é o nome de um referente empírico que existe por aí, que se encontra na realidade; é um operador que se encontra em nós, desde que nos coloquemos em determinada perspectiva, em determinado lugar a partir do qual interrogamos a experiência humana; – talvez o que a pedagogia possa fazer: busca a perspectiva da pessoa, no lugar determinado e datado do aluno interrogar ouvindo sua fala, buscando entender seus signos e símbolos.

O sujeito é sempre suposto, não é encontrado na realidade, mas o supomos. Ou melhor, somos forçados a supô-lo a partir do momento em que reconhecemos a incidência do significante na experiência humana. O sujeito é uma suposição do significante, que se impõe a nós.

O que é o significante na experiência humana? É átomo do simbólico que, no ser vivo, quando ele é falante (eu diria quando se expressa – Elia destaca quando é habitado pelo simbólico), a resposta que se chama de sujeito. Somos forçados a supor o sujeito quando reconhecemos o significante porque na verdade é o significante (e não nós) quem supõe o sujeito.

Impor-se a nós – significa que não podemos não admiti-lo. Estamos diante de efeitos de estrutura, de imposições do real. Não podemos não admitir o sujeito. Os efeitos estão nos sintomas, sonhos, atos falhos, chistes, nas chamadas formações do inconsciente. Desde então, ele não cessou de ter um encontro marcado, diariamente com o sujeito: com os neuróticos, os criminosos, os perversos, as pessoas comuns, as pessoas com deficiências, os estudantes de educação...

Para o pensador e o pesquisador do campo da educação, das ciências sociais e da filosofia

é necessário a elaboração e ressignificação de teorias que contribuam no interrogar essas respostas e teorias.

Pois bem, é o campo da experiência que se chama sujeito. O assassinato do Pai é condição essencial da estrutura do sujeito, sem a qual nenhuma realidade poderá existir como realidade de e para um sujeito. O sujeito é o compasso e assim ele é introduzido no campo de experiência social, cultural, psicológica.

O material utilizado pelo autor está atualizado. Usa obras clássicas como as obras de Freud, revisita Freud a partir de uma leitura de Lacan e Saussure, passando também pela literatura como “O diabo enamorado do italiano Jacques Cazotte. Reserva uma parte para referências e fontes onde o leitor obtém detalhes de obras que Elia consultou e outra parte que chama de “Leituras recomendadas” com orientações em relação as obras que usou em seu texto e o grau de dificuldades de algumas delas. Portanto, a sua bibliografia indica erudição e mesmo sendo resumida, serve de guia a informações adicionais.